

De “Rentier State” a “Global Emirates”: Uma Breve Análise Política e Socioeconômica dos Emirados Árabes Unidos até o Momento do Golfo (1971-2011)

Cairo Gabriel Borges Junqueira*

Resumo

A região do Oriente Médio é, *per se*, símbolo de pluralidade política, econômica e cultural. O mesmo se diz do Golfo Pérsico, território amplamente conhecido por abrigar monarquias e o Conselho de Cooperação do Golfo (CCG). Dentre os membros da organização, um vem se destacando por expressar seus anseios e vontades nas relações internacionais na última década: os Emirados Árabes Unidos (EAU). Com aproximadamente quarenta anos de autonomia, o país tornou-se marco de internacionalização econômica e símbolo de progresso, estabilidade e identidade nacional durante o período denominado “Momento do Golfo”. O presente artigo objetiva analisar os principais aspectos históricos, políticos, econômicos e sociais recentes motivadores do sucesso de inserção internacional promovido pelos emirados nos últimos anos. Na conclusão há a confirmação da hipótese inicial, a qual se sustenta na afirmação de que a configuração política (federalismo), a estabilidade doméstica, o processo de *nation-building*, as imensas reservas de petróleo, a inclusão social das mulheres e as estratégias diplomáticas foram variáveis cruciais, e essenciais no caso da construção nacional, para a consolidação do *momentum* emirati.

Palavras-chave: Oriente Médio; Emirados Árabes Unidos; Momento do Golfo.

Abstract

From “Rentier State” to “Global Emirates”: a brief political and socioeconomical analysis of the United Arab Emirates until the Gulf Moment (1971-2011)

The region of the Middle East is, itself, a symbol of political, economic and cultural plurality. The same is said concerning the Persian Gulf, territory widely known for harboring monarchies and the Gulf Cooperation Council (GCC). Among the members of the organization, one has been highlighting for expressing longings and desires in international relations over the past decade: the United Arab Emirates (UAE). With nearly forty years of autonomy, the country became milestone of economic internationalization and symbol of progress, stability and national identity during the period referred as "Gulf Moment". This article aims to analyse the main historical, political, economic and social aspects that induced the international

* Mestre em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília. Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Estadual Paulista. Foi Coordenador do Setor Governamental da Empresa Júnior de Relações Internacionais da UNESP (ORBE), pesquisador em nível de Iniciação Científica com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e bolsista de Pós-Graduação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Atualmente, é colaborador do blog Página Internacional. Email: cairojunqueira@gmail.com.

insertion success promoted by the Emirates in recent years. In conclusion there is the confirmation of the initial hypothesis, which stands on the assertion that the policy configuration (federalism), domestic stability, process of nation-building, immense oil reserves, social inclusion of women and the diplomatic strategies were crucial, and essential variables in the case of national construction, to consolidate the emirati's momentum.

Key-words: Middle East; United Arab Emirates; Gulf Moment.

Introdução

“Os Emirados Árabes Unidos (EAU), acredito, é a sociedade mais moderada, liberal e moderna no Oriente Médio”. Essas palavras foram ditas por Yousef al-Otaiba (2011), embaixador emirati para os Estados Unidos e México em uma entrevista promovida pelo *The Aspen Institute*. De fato, em virtude da pluralidade de regimes políticos, organizações sociais e econômicas do Oriente Médio, cada país da região possui sua peculiaridade.

Geralmente os termos “Oriente Médio” e “países árabes” são utilizados como sinônimos equivalentes (Carvalho Pinto, 2011). Irã e Israel fazem parte do primeiro, mas não são considerados árabes, propriamente ditos. Estes últimos abrangem o norte da África, a Crescente Fértil e o Golfo Pérsico. Para fins do presente estudo, o Golfo é composto pelo supracitado Irã, Iêmen e pelos países do Conselho de Cooperação do Golfo (CCG), sejam eles Arábia Saudita, Kuwait, Bahrein, Omã, Qatar e EAU.

O que diversifica sobremaneira essas localidades em comparação com quaisquer outras são seus sistemas políticos e as riquezas em petróleo. Notadamente centralizados e com regimes historicamente baseados em famílias tradicionais¹, as monarquias do Golfo possuem cerca de 40% das reservas petrolíferas do mundo (Abdulla, 2010). E, também como características ímpares, possuem os Estados Unidos como grande aliado ocidental e confrontam alguns posicionamentos da política externa iraniana (Bill, 1984).

¹ A característica primordial dessas sociedades encontra-se na relação mútua existente entre as lideranças políticas – xeiques – e a população, a qual foi e ainda é marcada por uma “ética tribal” (Rosen, 2006). Tal conexão promoveu o que se denomina na academia de barganha de governança, do original “*ruling bargain*” (Crystal, 1989), processo segundo o qual a sociedade concede apoio político aos líderes em troca de benefícios materiais, resultando, por conseguinte, em forte estabilidade social.

O que fora descrito acima aplica-se aos países do CCG, mas cada um deles detém nuances domésticas e projeções internacionais diferenciadas. Com exceção da Arábia Saudita, todos os outros cinco países da organização adquiriram suas independências recentemente, em 1971, logo após a saída do governo da Grã-Bretanha da região, o que gerou o fim de uma era (Hurewitz, 1972) e o início de novos desdobramentos geopolíticos. No entanto, analisar um caso específico torna o debate mais frutífero e, assim, para avaliar a menção de excepcionalidade de al-Otaiba (2011) apresentada no primeiro parágrafo, fez-se a escolha dos EAU pelos seguintes motivos:

- 1) Diferentemente dos outros países do Oriente Médio, são uma Federação composta por sete emirados (“cidades-Estado”): Abu Dhabi, Dubai, Sharjah, Ajman, Umm al-Quwain, Ras al-Khaimah e Fujairah (Melamid, 1997);
- 2) São grandes aliados dos Estados Unidos e têm uma tradição de homogeneidade com diferentes religiões e etnias, tornando-os, juntamente com outras monarquias do Golfo (Qatar e Omã), interlocutores com Israel (Baghat, 2006);
- 3) Representam longevidade e estabilidade geopolítica no mundo árabe, configurando-se como sucesso de união política (Carvalho Pinto, 2012b);
- 4) Possuem imensas reservas de combustíveis e estão no *ranking* dos maiores países produtores de petróleo com cerca de 5% da fabricação mundial. Isso fez, inclusive, com que a crise financeira internacional de 2008 não abalasse suas economias (Abdulla, 2010);
- 5) Comparado com os outros Estados do Golfo Pérsico, são modelo de estabilidade política e coesão social. O processo de construção nacional emirati² é o aspecto mais importante de seus desenvolvimentos contemporâneos. Por fim, o país é símbolo de inclusão das mulheres e tolerância religiosa entre os árabes (Foley, 2010).

O marco temporal da presente análise inicia-se em 1971 e estende-se até o ano de 2011, pois são as datas da independência dos EAU e da consolidação deste e do CCG, nas palavras de Kristian Ulrichsen (2010), como atores globais poderosos. Em razão da Primavera Árabe ser um movimento extremamente recente e não se saber ao

² Construção nacional ou consolidação da identidade nacional remete-se ao conceito de *nation-building*, cujos desdobramentos serão desenvolvidos ao longo do texto. Para o presente momento, basta identificá-lo como uma estratégia conduzida e desenvolvida por um Estado através da qual o líder de um país busca criar ou manter certa entidade nacional dentro do respectivo território (Carvalho Pinto, 2012c, p.03).

certo quais serão seus resultados a curto e longo prazos, os apontamentos ficarão restritos à primeira década do século XXI.

E foi justamente nesse período que se delineou o Momento do Golfo, no qual a região se envolveu com questões globais e aumentou sua confiança socioeconômica (Carvalho Pinto, 2012a). Alta gama de relevância regional e internacional, estabilidade política, prosperidade, excelente qualidade de vida da população e intensa *performance* no mercado financeiro acabaram por gerar a "Golfanização do Mundo Árabe" e fizeram com que os EAU se ascendessem nas relações internacionais.

Dubai e Abu Dhabi, por exemplo, são considerados "paraísos terrestres" por consequência do *momentum*. Grandes edifícios, carros importados e praias paradisíacas são apenas retratos de um processo histórico mais profundo e coeso. Portanto, a pergunta central decorrente das constatações supramencionadas é saber quais foram os principais aspectos históricos, políticos, econômicos e sociais motivadores do sucesso de inserção internacional promovido pelos emirados na última década.

Os cinco pontos levantados para se justificar a escolha do estudo de caso dos EAU são parte da hipótese, a qual se sustenta da seguinte maneira: a configuração política (federalismo), a estabilidade doméstica, o processo de *nation-building*, as imensas reservas de petróleo, a inclusão social das mulheres e as estratégias diplomáticas de aliança tanto com países do Oriente Médio quanto com os Estados Unidos impulsionaram e promoveram as bases de sustentação da inserção internacional emirati durante o Momento do Golfo. Conforme será observado no desenvolvimento do artigo que ora se apresenta, o processo de *nation-building* representa a variável com maior peso explicativo, aglutinando, em menor ou maior escala, aspectos dos quatro pontos restantes selecionados.

Na seção seguinte, cada aspecto será identificado e serão evocados materiais previamente selecionados para se desenvolver brevemente o apanhado histórico geral emirati. Por fim, na conclusão, espera-se avaliar a hipótese previamente estabelecida e observar quais foram as principais particularidades políticas e socioeconômicas do país que justificam sua escolha e o coloca como símbolo de estabilidade, sobrevivência e unificação nacional no Oriente Médio.

1. Quarenta anos de história: da independência à inserção internacional

Um dos aspectos mais relevantes dos EAU é o alto vínculo que existe entre suas políticas interna e externa. Mesmo com poucos anos de história autônoma, é impossível compreender os emirados do século XXI sem antes observar as décadas antecedentes. Valores e normas tradicionais, conforme aludido com a existência das tribos e dos xeiques, unem-se à modernização industrial, financeira, tecnológica e até mesmo administrativa do país. Nas palavras de Ibrahim al-Abed et al (1996 apud OUIS, 2002, p.317), o sistema político emirati é uma combinação única de tradição e modernidade, oferecendo um interessante estudo no que concerne à possibilidade de determinado país caminhar adiante com mecanismos de uma estrutura administrativa moderna sem deixar em segundo plano a manutenção e a preservação da tradição do passado.

Xeique Zayed al-Nahyan, primeiro presidente da Federação (1971-2004), é o maior símbolo do tradicionalismo emirati³. Foi o responsável por legitimar a independência dos EAU e fazer frente à Arábia Saudita e ao Irã, duas potências regionais contrárias ao reconhecimento de um novo Estado no Golfo. Incipientes realidades socioeconômicas já eram sentidas nos anos de 1960 e 1970 (Khalaf, 2000) e coube ao Xeique Zayed unificar os territórios e dar forma à união de sete emirados, cuja configuração permanece na atualidade.

Além das questões diplomáticas regionais, as lideranças políticas dos emirados sofreram pressões internas. De acordo com Vânia Carvalho Pinto (2012c), a dificuldade principal era saber quais seriam os contornos geográficos do Estado. Optou-se por uma política de integração gradual e a união federal foi a solução encontrada que gerou maior consenso. Sempre houve divergências econômicas entre os emirados,

³ A título de ilustração, o documentário “*Zayed: Pride of the Emirates*” produzido em 2011 pela *Daxar Films* retrata um pouco do cotidiano do líder, mostrando o quão carismático era seu comportamento perante a sociedade civil.

mas Abu Dhabi e Dubai desenvolveram-se rapidamente em decorrência da pujança econômica e nada impediu que a Federação se tornasse exemplo de estabilidade política. Além desse equilíbrio, Xeiqye Zayed acreditava que a construção de uma infraestrutura e uma política humanitária eram imperativas para o futuro dos emirados.

Se o ordenamento político caracterizou-se por uma visão moderna, sua estrutura interna manteve a tradição clássica. Segundo Lawrence Rosen (2006), a vida social árabe traz inúmeros componentes culturais vitais para o entendimento de sua governabilidade regional. O primeiro ponto considerado pelo autor encontra-se na rede de obrigações e compromissos advindos dos indivíduos. A ótica de "propriedade como relacionamento", ou seja, no foco coletivo entre pessoas sobre determinados bens, é totalmente aceito nas relações sociais árabes e caminha de encontro à noção de propriedade privada ocidental.

A imagem do "eu árabe" – do original *self* de Rosen (2006) – incita a ideia de unidade e não de fragmentação. É assim que tomou forma a ética tribal dessas sociedades, com destaque para os EAU, pois o vínculo de relacionamento estabelecido entre o Estado, os xeiques e a sociedade flexibilizou a Federação. Possuindo mecanismos de nivelamento interno, equivalência moral de suas unidades constitucionais e coexistência com outras formas políticas, as tribos promoveram legitimidade aos emirados. A tríade associativa Estado-Xeiqye-Sociedade caracterizou-se como o ponto de sustentação para o reconhecimento regional do país.

Outra questão interna merecedora de apontamentos é a imensa presença de estrangeiros⁴ na sociedade emirati (Khalaf, 2000). Durante a primeira onda de ressurgência islâmica em meados dos anos setenta, o Golfo apresentou uma reação cultural defensiva, pois recebia trabalhadores do Oriente Médio e Norte da África e, em contrapartida, enviava influência cultural e montantes de dinheiro para tais regiões. Grande parte da população nacional dos EAU almejava um emprego público (Forstenlechner e Rutledge, 2010) e, enquanto isso, permanecia desempregada, cabendo à mão de obra estrangeira os empregos nos setores de produção e serviço.

⁴ Na década de 1970, os emiratis compunham somente 22% da população do país (Carvalho Pinto, 2012c).

Mas, então, por que não houve uma quebra na coesão social nos Emirados e nas monarquias do Golfo, de uma maneira geral? Porque as bases sociais tradicionais foram mantidas e a perspectiva da “*rentier mentality*”, cuja base situa-se na já supracitada “barganha de governança” (Crystal, 1989), pragmatizou-se. Hábitos culturais como a recitação de poesias e as tradicionais corridas de camelos recuperavam os valores dos ancestrais e serviam como amálgama social. Sobre esse último ponto, Suleyman Khalaf (2000, p.243-249) afirma que a “cultura dos camelos” promove forte vínculo emirati com o passado, frente à rápida modernização atual do país.

Portanto, a manutenção do ordenamento interno promoveu forte harmonia política aos Emirados e facilitou seu processo de construção da identidade nacional. Quando se fala em *nation-building* e em nacionalismo árabe, o debate entra em uma seara de complexidade. Embora o primeiro conceito seja de mais simples observação, o nacionalismo continua sendo uma noção contestada e vaga (Partrick, 2009).

Para Sally Findlow (2000), a noção de nacionalidade emirati se difere das demais concepções do mundo árabe, designando-a de “*positive turning inward*”. Tal nomenclatura fomenta a ótica de internalização da política dos EAU, haja vista ter ocorrido a manutenção do *status quo* doméstico no histórico do país. De maneira similar, no CCG a noção de poderes políticos e, principalmente, econômicos decorrente das reservas petrolíferas dos Estados ainda é bastante intrínseca às famílias governantes. A terminologia “*rentier state*” (Gray, 2011) é o retrato dessa realidade, na qual a renda é diretamente influente na condução política do Golfo.

A consolidação das soberanias estatais árabes foi resultado direto do significado de seus nacionalismos. Nação, Estado e soberania ainda dividem espaço e coadunam-se no sistema árabe. É sabido, contudo, que a solidificação territorial e fronteiriça de cada país da região resultou na emergência de uma nova ordem no Golfo. Segundo Michael Barnett (1995, p.497), a formação nacional pode ocorrer através de uma miríade de atividades e processos. Todavia, especificamente no

O Oriente Médio, as principais variáveis desse processo foram os incentivos materiais, as ameaças externas e a manipulação de símbolos.

Ou seja, fazendo-se uma analogia, a barganha de governança, a formação da Federação e a personalidade dos governantes, respectivamente, foram vitais para a consolidação do *nation-building* emirati. Por ser uma estratégia de criação ou manutenção de uma entidade nacional em um dado território, a construção nacional nos EAU fundou-se em três projetos interrelacionados: engenharia de uma sociedade nacional, geração de um aparato estatal funcional e elaboração de uma ideologia nacional unitária (Carvalho Pinto, 2012c, p.04).

Esses três estágios não incidiram separadamente e, muito pelo contrário, tomaram forma em três momentos interrelacionados (Carvalho Pinto, 2012c). O primeiro deles ocorreu no final dos anos de 1970 e caracterizou-se por uma onda de re-traditionalização intelectual e cultural em decorrência da Ressurgência Islâmica⁵. Durante esse período, a identidade emirati emergiu e os líderes políticos começaram a responder satisfatoriamente aos anseios da população. De tal sorte, as movimentações domésticas e sociais aglutinaram-se no sucesso de pertencimento nacional: o "ser emirati".

Logo após, já na última década do século passado, o segundo movimento levou em consideração políticas de autenticidade cultural. Para evitar problemas externos, os governantes dos EAU tiveram que estimular o projeto de consolidação nacional, cabendo aos xeiques a salvaguarda dos valores tradicionais, assim como fora mencionado nas poesias e nas corridas de camelo. Como consequência do fortalecimento do sistema político, o "ser emirati" adquiriu substância e coesão.

Por fim, após os atentados de 11 de Setembro de 2001, o projeto de maior afirmação cultural tornou-se um imperativo para os emirados. Nesse período, os Estados Unidos colocaram em prática a "Doutrina Bush" e a chamada "Guerra ao Terror", havendo impacto direto nas sociedades árabes em geral e nos EAU em

⁵ A Revolução Iraniana em 1979 trouxe um novo levante de caráter islâmico ao Oriente Médio (Haji-Yousefi, 2009). Com o suposto surgimento de uma Crescente Xiita, uma série de câmbios políticos acabou por preocupar os países do Golfo, haja vista que a revolução era de caráter antimonárquico (Katouzian, 2010) e a população do Irã desejava a saída do Xá do poder. Para os EAU, isso representava uma afronta à configuração política do país e, assim, houve a necessidade de se estimular a identidade nacional.

específico. Só restou ao país criar uma autenticidade cultural e provar que tinha respaldo doméstico e internacional no que concerne à sua construção nacional.

O fatídico 11/09 ameaçou desestabilizar a sociedade emirati, balançando sua estrutura econômica e causando distúrbios sociais. Entretanto, o episódio não retirou o mérito de trinta anos de construção nacional (Al-Sayegh, 2004), culminando na consolidação de um Estado com posicionamento nas relações internacionais. Sobre isso, Fatma al-Sayegh (2004, p.123) complementa dizendo que após a independência e até o começo dos anos 2000 os EAU conseguiram implementar um modelo próspero, estável e politicamente viável para sua população baseado em economia aberta ao comércio internacional, cultura abundante e liderança capaz de fortalecer o peso político do país.

Ainda sobre o *nation-building*, cumpre finalizar tal concepção com o que Carvalho Pinto (2012a) denominou de cinco estágios desse processo, sejam eles: independência e engajamento internacional (1971 até o final da década), sobrevivência e autenticidade cultural (1979-1989), formação da identidade nacional (1990-2003), Momento do Golfo (2004-2011) e consolidação interna e “flexibilidade dos músculos” (2011 até a atualidade).

As características basilares dos três primeiros períodos já foram desenvolvidas com consistência ao longo da análise que ora se expõe, restando, portanto, analisar alguns traços específicos da “Golfanização do Mundo Árabe”, porque a última fase não se enquadra no recorte histórico aqui escolhido. Se nos trinta anos iniciais de sua história os emirados apresentaram uma prosperidade nacional de grandes proporções, até o presente momento a análise foi majoritariamente política e social. Porquanto, cumpre destacar que a realidade econômica dos EAU também foi um fator que o diferenciou para configurar o seu “*turning point*” (Carvalho Pinto, 2012a, p.23) no ano de 2004, ou seja, o início do *momentum*.

Com um Produto Interno Bruto (PIB) de duzentos bilhões de dólares em 2009, os emirados são considerados, em contrapartida ao seu território minúsculo, uma potência econômica expressiva (Abdulla, 2010). Como haveriam de ser, as

significativas cifras do país decorrem das imensas reservas de petróleo, as quais foram descobertas em Abu Dhabi ainda em 1958 (Rizvi, 1993). Estimativas atuais descrevem os emirados como detentores de 5% do mercado petrolífero internacional.

Os sete emirados possuem a maior mobilidade econômica do Golfo. Interessante notar que, antes das descobertas dos combustíveis fósseis, o país detinha uma das rendas *per capita* mais baixas da região, principalmente em virtude da crise nos mercados de pérolas (Rizvi, 1993), até então sua motriz comercial. No limiar dos anos setenta, em seguida à independência, houve prioridade em se desenvolver a estrutura básica emirati, tanto social quanto economicamente. Os períodos iniciais de autenticidade cultural e construção nacional foram conjunturados com a grande fatia do mercado composta por rendimentos da economia petrolífera.

Outra congruência de interesses existe entre as estruturas política e econômica do país. Segundo Anoushiravan Ehteshami e Steven Wright (2007), com exceção do Kuwait, os EAU e todos os outros países do CCG possuem elites governamentais, os xeiques, cujas famílias tradicionais foram e são detentoras de parcela da exploração do petróleo. Vê-se, conseqüentemente, como a tradição política caminhará ao encontro da modernidade/liberalização econômica, tornando-se um traço excepcional da união federativa emirati.

As crises do petróleo em 1973, 1979 e 1991 abalaram o mercado internacional e, obviamente, promoveram um crescimento vertiginoso no preço de cada barril de petróleo emirati. Todavia, a especulação resultante da crise financeira de 2008 não causou grande impacto na economia nacional (Abdulla, 2010), sinalizando tempos prósperos resultantes do Momento do Golfo. De acordo com dados do *UAE Yearbook* de 2010, a estabilidade tenderá a continuar na exploração de petróleo e na indústria de gás. Contudo, as lideranças sempre souberam que ser dependente de combustíveis fósseis não é uma opção razoável para o cenário financeiro internacional a longo prazo e, deste modo, vêm estimulando a diversificação de seus setores.

Diversificação, liberalização e globalização econômicas são características centrais do *momentum*. Porém, antes de se concluir o presente artigo, é importante mencionar dois aspectos que também fazem dos EAU um caso único a ser estudado, sejam eles a transformação dos direitos e papéis tradicionais da mulher emirati, a qual

se constituiu em uma das maiores mudanças ocorridas nos quarenta anos desde sua independência (Carvalho Pinto, 2012b), e as boas relações diplomáticas com os Estados Unidos.

Nos estudos sobre os Estados árabes do Golfo, há uma concentração na tentativa de se compreender a “Arábia sunita e masculina” deixando a figura da mulher em segundo plano. Mesmo assim, para se estabelecer o vínculo existente entre o histórico político e socioeconômico dos EAU com o Momento do Golfo, é imprescindível não negligenciar o papel feminino na sociedade, pois, nas palavras de Sean Foley (2010, p.200), a figura da mulher é e será integrada em todo aspecto da vida pública e privada, sendo traço primordial na condução e administração das sociedades de modo geral.

A questão de gênero no Oriente Médio é elemento central para a articulação da identidade de seus países (Kandiyoti, 1991). O que diferencia os Emirados é o fato do seu governo fazer da expansão dos direitos da mulher sua prioridade e parte da política estatal (Carvalho Pinto, 2012b). Na tríade Estado-Xeique-Sociedade, a mulher emirati contribuiu no processo de redirecionamento da lealdade tribal para o poder central, tornando-a peça chave do *nation-building*.

Embora historicamente centralizada e monárquica, a Federação utilizou a emancipação do sexo feminino como forma de evidenciar a modernização de sua sociedade. Reconhecer os direitos das mulheres foi uma forma dos EAU serem conhecidos internacionalmente como avançados e civilizados (Carvalho Pinto, 2012b). Não bastavam a ética tribal, a liderança dos governantes e a estabilidade política: as mulheres tiveram importância ímpar na construção da autenticidade cultural do país.

Considerando-se apenas esse caso, talvez não se veja muita expressão nos debates sobre gênero na região. Contudo, tomando como exemplo a figura da mulher em outras sociedades islâmicas do Golfo e até mesmo do Oriente Médio e Norte da África, vê-se que seu *status* é medido com pouca relevância, ignorando as ações por ela desempenhadas nas sociedades (Mason, 1984 apud Obermeyer, 1992). Destarte, afirmar que os EAU são marcados por diversidade religiosa e tolerância de gênero os

diferencia do restante dos países. Afinal, os Emirados talvez sejam o único Estado do Oriente Médio em que mulheres expatriadas são totalmente aceitas em altos cargos empregatícios (Katzman, 2012, p.08-09). E, ademais, desde dezembro de 2011 as mulheres dos EAU detiveram o direito de passar suas cidadanias aos filhos, tornando os emirados o primeiro país a colocar em prática tal política social dentre todos os outros do CCG.

Em definitivo, no caso específico dos Emirados, o Momento do Golfo pode ser qualificado de forma dual. Primeiro, como uma das fases de desenvolvimento da sua construção nacional iniciada em 2004 e finalizada em 2011, assim como afirmado por Vânia Carvalho Pinto (2012a). Ou, segundo, como um momento, propriamente dito, no qual a região passou a assumir responsabilidades econômicas internacionais e seus Estados adquiriram *status* de potência. Foi durante esse período que os EAU não apenas inseriram-se nos mercados externos como também se tornaram "*Global Emirates*" (Al-Nahayan, 2009 apud Abdulla, 2010), sendo o epicentro econômico da história do Golfo.

Na medida em que se fala em inserção internacional, não se pode esquecer das relações internacionais com países longínquos e, nesse sentido, os emirados possuem outra particularidade. Após a invasão do Kuwait pelo Iraque em 1990, o país determinou que precisava de uma relação diplomática cooperativa com os Estados Unidos (Katzman, 2012). Para se ter maior dimensão dessa relação, na entrevista do embaixador Al-Otaiba (2011) menciona-se que de 2008 a 2011 os EAU tornaram-se palco econômico e militar dos Estados Unidos no Golfo, aglutinando mais de vinte bilhões de dólares em equipamentos militares norte-americanos no período.

Após a independência em 1971, os Estados Unidos foram o terceiro país a reconhecer o novo Estado emirati. Todavia, foi somente como consequência da Guerra do Golfo que as parcerias estratégicas e militares tomaram uma forma mais consistente, pois o principal intuito era barrar os avanços tanto do Iraque quanto do Irã para alhures (Sadjadpour, 2011). A cooperação de segurança ganhou contornos financeiros nos anos seguintes, causando um aumento vertiginoso nas relações comerciais entre os dois países.

Houve um crescimento avançado no montante de importações dos Estados Unidos para os EAU a partir de 2004, alcançando o topo no ano de 2008 e mantendo seu ritmo acelerado ainda em 2010⁶, fazendo jus ao Momento do Golfo (2004-2011). Sinal de que manter como aliado uma das maiores potências globais favoreceu a inserção internacional dos emirados e fez com que os mesmos passassem de país “*follower*” para “*role model*” (Carvalho Pinto, 2012a), ou seja, modelo a ser seguido no “Novo Golfo”.

Sumariamente, observou-se que os principais aspectos políticos, sociais e econômicos dos EAU tornaram-no um caso único a ser estudado no Oriente Médio de um modo geral e no Golfo de maneira particular. Afinal, os pontos mencionados na introdução e que são elementos constitutivos da hipótese foram tomados como um todo, pois fazem parte de um grande “quebra-cabeça” cujos desdobramentos se resumiram em sucesso completo de *nation-building*.

Conclusão

O excerto do título do presente artigo – “de ‘*rentier state*’ a ‘*global emirates*’” – resume de maneira concisa o apanhado histórico emirati. Com apenas cerca de quarenta anos de autonomia, o país conseguiu expressar seus anseios e vontades nas relações internacionais e, na última década, mormente durante o Momento do Golfo, houve a coroação de seu discurso de sucesso, replicando-se como símbolo de estabilidade, progresso e identidade nacional no Golfo.

A maneira segundo a qual os aparatos políticos (configuração federativa e alinhamento com os Estados Unidos), sociais (barganha de governança entre sociedade e xeiques, inclusão das mulheres) e econômicos (imensas reservas de

⁶ A título de curiosidade, em 2012 o Departamento de Comércio norte-americano publicou um guia intitulado “*Doing Business in the United Arab Emirates: 2012 Country Commercial Guide for U.S. Companies*” para empresas nacionais iniciarem ou aumentarem seus vínculos comerciais com os EAU, sinalizando a tentativa de ambos os governos em manterem as boas relações bilaterais.

petróleo e internacionalização comercial) foram desenvolvidos ao longo da história dos EAU fez do mesmo um caso particular de construção nacional.

O ano de 2011 foi acatado como marco temporal final de mais uma etapa do processo de *nation-building* emirati, a qual ficou reconhecida pela inserção internacional das monarquias do Golfo, relevância regional e internacional dos EAU e elevada atividade econômica regional. O "Novo Golfo" ou a "Golfanização do Mundo Árabe" deve grande parcela de sua pujança aos "Emirados Globais".

Dito de outra maneira, todos os aspectos históricos emiratis resumidos nos cinco pontos propostos na introdução para justificar a sua escolha para análise foram variáveis necessárias à sua excepcionalidade durante o *momentum*, confirmando a hipótese previamente escolhida. Todos eles se coadunam em um aspecto central que perpassou o artigo em sua totalidade, ou seja, o *nation-building*. A construção da identidade emirati – "eu emirati" – pragmatizou-se em virtude da junção de fatores políticos e socioeconômicos desenvolvidos justamente no período de análise que vai de 1971 até 2011.

De tal sorte, com estabilidade interna, os EAU conseguiram se alavancar internacionalmente durante a última década e existe uma tendência futura de continuidade dessa prosperidade. Talvez seja pretensão afirmar que o país é o mais moderado, liberal e moderno do Oriente Médio, repetindo as palavras do embaixador al-Otaiba (2011). Contudo, é plausível afirmar que suas estruturas políticas, sociais e econômicas são diferenciadas, tornando os emirados exemplos de nacionalismo e inserção internacional a serem modelos de inspiração para quaisquer outros Estados no Oriente Médio e Norte da África.

Referências Bibliográficas

Abdulla, Abdulkhaleq. 2010. "Contemporary Socio-Political Issues of the Arab Gulf Moment". *Kuwait Programme on Development, Governance and Globalisation in the Gulf States*, n. 11, London School of Economics.

Al-Otaiba, Yousef. 2013. *In Conversation: UAE Ambassador Yousefi Al-Otaiba. Aspen Ideas Festival*. Disponível em: < <http://www.aspenideas.org/session/conversation-uae-ambassador-yousef-al-otaiba> > Acesso em: 11 fev 2013.

Al-Sayegh, Fatma. 2004. "Post 9/11 Changes in the Gulf: The case of the UAE". *Middle East Policy*, v. XI, n. 2, pp. 107-124.

Baghat, Gawdat. 2006. *Israel and the Persian Gulf. Retrospect and Prospect*. University of Florida Press.

Barnett, Michael. 1995. "Sovereignty, Nationalism, and Regional Order in the Arab States System". *International Organization*, v. 49, n. 3, summer, pp. 479-510.

Bill, James. 1984. "The Persian Gulf: Resurgent Islam". *Foreign Affairs*, v. 63, n. 1, pp. 108-127.

Carvalho Pinto, Vânia. 2011. "La Ola de Movimientos pro democracia en Medio Oriente: Análisis preliminar de las consecuencias políticas para la región del Golfo Pérsico". In: Ballesté, Elisenda; Férez, Manuel (Orgs.). *Medio Oriente y Norte de Africa: Reforma, Revolución o continuidad?*. Ciudad de Méjico: Senado de la Republica, Comisión de Biblioteca y Asuntos Editoriales, pp-x-y. Disponível em: < http://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/IRBr/pt-br/file/CAD/LXI%20CAD/Pol%C3%ADtica/vcp_primavera_2011.pdf> Acesso em 29 mai. 2014.

Carvalho Pinto, Vânia. 2012a. "From 'follower' to 'role model': studying the variations to the UAE's self-image". *International Workshop: Rethinking the Republic-Monarchy Gap*. University of Masburg, 20-21 Sept.

Carvalho Pinto, Vânia. 2012b. *Nation-Building, State, and the Genderframing of Women's Rights in the United Arab Emirates (1971-2009)*. Reading: Ithaca.

Carvalho Pinto, Vânia. 2012c. The interrelated dynamics of culture, religion and nation in the United Arab Emirates. In: Hensel-Krishna, Sai Felicia (Ed.). *Religion, Education, and Governance in the Middle East: Between Tradition and Modernity*. GIS, Aldershot: Ashgate, pp. 49-68.

Crystal, Jill. 1989. "Coalitions in Oil Monarchies: Kuwait and Qatar". *Comparative Politics*, v. 21, n. 4, pp. 427-443.

Ehteshami, Anoushiravan e Wright, Steven. 2007. "Political Change in the Arab Oil Monarchies: from Liberalization to Enfranchisement". *International Affairs*, v. 83, n. 5, sep., pp. 913-932.

Findlow, Sally. 2000. *The United Arab Emirates: Nationalism and Arab Islamic Identity*. Abu Dhabi: ECSSR.

Foley, Sean. 2010. *The Arab Gulf States: Beyond Oil and Islam*. Boulder/London: Lynne Rienner.

Forstenlechner, Ingo e Rutledge, Emilie. 2010. "Unemployment in the gulf: time to update the 'social contract'". *Middle East Policy*, vol. XVII, n. 2.

Governo Dos Emirados Árabes Unidos. 2013. *UAE Yearbook, 2010*. Disponível em: <<http://www.government.ae/web/guest/uae-economy>> Acesso em 17 fev.

Gray, Matthew. 2011. "A Theory of "Late Rentierism" in the Arab States of the Gulf". *Center for International and Regional Studies (CIRS) Occasional Paper*, Georgetown University, n. 7, pp. 01-45.

Haji-Yousefi, Amir. 2009. "Whose agenda is served by the idea of a Shia Crescent?". *Alternatives: Turkish Journal of International Relations*, 8 (1), Spring, pp. 114-135.

Hurewitz, Jacob. 1972. "The Persian Gulf: British Withdrawal and Western Security". *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, v. 401, May, pp. 106-115.

Kandiyoti, Deniz. 1991. "Identity and its discontents: women and the nation". *Millennium: Journal of International Studies*, v. 20, n. 3, pp. 429-443.

Katouzian, Homa. 2010. "The Iranian Revolution at 30: The Dialectic of State and Society". *Middle East Critique*, v. 19, n.1, pp. 35-53.

Katzman, Kenneth. 2012. "The United Arab Emirates (UAE): Issues for U.S. Policy". *Congressional Research Service*, oct., pp. 01-24. Disponível em: <<http://www.fas.org/sgp/crs/mideast/RS21852.pdf>> Acesso em 18 fev. 2013.

Khalaf, Suleyman. 2000. "Poetics and politics of newly invented traditions in the Gulf: Camel racing in the UAE". *Ethnology*, v. 39, n.3, pp. 243-261.

Melamid, Alexander. 1997. "The United Arab Emirates". *Geographical Review*, v. 87, n. 4, pp. 542-545.

Obermeyer, Carla Makhlof. 1992. "Islam, Women, and Politics: The Demography of Arab Countries". *Population and Development Review*, v. 18, n. 1, mar., pp. 33-60.

Ouis, Pernilla. 2002. "Islamization as a Strategy for Reconciliation between Modernity and Tradition: examples from contemporary Arab Gulf States". *Islam and Christian-Muslim Relations*, v. 13, n 3, pp. 315-334.

Partrick, Neil. 2009. *Nationalism in the Gulf States. Kuwait Programme on Development, Governance and Globalisation in the Gulf States*. London School of Economics, n. 5, oct.

Rizvi, Asad. 1993. "From tents to high rise: Economic Development of the United Arab Emirates". *Middle Eastern Studies*, v. 29, n. 4, oct., pp. 664-678.

Rosen, Lawrence. 2006. "Expecting the unexpected: cultural components of Arab Governance". *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, v. 603, pp. 163-178.

Sadjadpour, Karim. 2011. "The Battle of Dubai. The United Arab Emirates and the U.S.-Iran Cold War". *The Carnegie Papers*, july, pp. 01-41.

Ulrichsen, Kristian. 2010. "The GCC states and the shifting balance of global power". *Occasional Paper*, n. 6. Doha: Center for International and Regional Studies, Georgetown University of Qatar.

Zayed: Pride of the Emirates. 2011. Produção de Daxar Films. Emirados Árabes Unidos. 1 Disco Digital Versátil (39 min.).

Tramitação do artigo na revista
Submetido: 04/12/2013
Revisões requeridas: 24/04/2014
Versão revista: 30/05/2014
Aceito: 15/07/2014